

QUESTÃO 3:

Em primeiro lugar, convém pensar no que entendemos por cultura e como esta se relaciona com os valores da diversidade e da cidadania, além ou considerando o respeito mútuo às manifestações identitárias e o direito social que isso implica. Se relacionamos cultura com direito - e direito à cidadania e à diversidade -, cremos que vale a pena começar a trazer essa discussão/reflexão para dentro da sala de aula, considerando o período em questão (1940 a 1964). Fica clara a abertura às implicações políticas possibilitadas nessa abordagem.

A década de 40 vê a emergência da Guerra Fria, após o conflito bélico da I Grande Guerra. A ascensão estadunidense sobre o Brasil se faz sentir no campo da cultura, seja nas primeiras produções cinematográficas, na música ou no modo de vida (as rodovias abertas aos automóveis e a produção desses com Juscelino por exemplo). Em contraposição, a produção cultural nacional tem, nas áreas urbanas do Sudeste, ^{por exemplo} o surgimento de algumas manifestações artísticas, sobretudo o samba. Figuras como Adoniran Barbosa em São Paulo e Noel Rosa no Rio. O modernismo das artes e da arquitetura também tem o veio de caráter social. Cândido Portinari pode ser um bom exemplo. Na literatura, produções como as de João Cabral de Melo Neto e Graciliano Ramos denunciam o abandono do Nordeste e o êxodo às grandes metrópoles sulistas. As próprias ambições idealistas de Memórias e Trúcis Costa, de uma cidade igualitária no urbanismo e na arquitetura podem ser pensados como alguma sorte de manifesta-



(cont. QUESTÃO 3)

ção de cunho social - ainda que idealista e ainda que tenham sido usadas de maneira populista em sua execução, podendo mesmo trazer à tona a discussão sobre as formas de apropriação cultural pelo Estado de tipo populista da época, incluindo aí a questionável construção de Brasília. A hora nova tem seu começo também no âmbito mais popular, vale pensar nas manifestações de rua, como o próprio carnaval, as festas juninas, as festas religiosas, como o dia de Iemanjá e a procissão de São Sebastião, que acontecem, em maior ou menor grau, até hoje.

O trabalho em sala de aula pode envolver algumas dessas manifestações, com a apresentação de produções artísticas aos alunos e chamando à reflexão e estimulando um debate sobre o contexto histórico, político e social ^{em} que as peças foram produzidas, buscando sempre valorizar as ideias de cidadania e diversidade, de modo a pensar e construir conjuntamente com o grupo o entendimento e a livre associação de ideias, para que se incentive também o pensamento crítico e libertário, autônomo do aluno, e o sentido de cooperação e coletividade. Isso claro, respeitando o nível escolar e de aprendizagem do grupo.

Uma outra atividade possível é levar os alunos para conhecerem o acervo do Museu da Imagem e do Som, com produções fonográficas da época e promover uma conversa "in loco" sobre a experiência ou como trabalho de casa.

- QUESTÃO 2 -

O Império Ultramarino Português no Atlântico corresponde, entre os séculos XVI e XVIII, às colônias da África, desde Ceuta à costa ocidental africana, ~~(sendo ~~sendo~~)~~ e ao lado americano, ao Brasil, além, é claro, da metrópole.

No que se relaciona às relações econômicas, as colônias do Atlântico integram o chamado comércio triangular, que as liga à metrópole. Nesse comércio, a troca comercial se dá com o fornecimento de ^{sobretudo} mão-de-obra, pelo continente, africano de pessoas escravizadas que servirão à produção das monoculturas açucareiras ~~de~~, algodoeiras, de tabaco e de cacau no Nordeste do Brasil (sobretudo nos séculos XVI e XVII) e na extração dos minérios e do ouro em Minas Gerais (séc. XVIII). As colônias africanas operam ao comércio, também, ouro (principalmente nos sécs XV e XVI), noz de coco, ~~marfim~~ e outras especiarias locais. A metrópole promove esse trânsito transatlântico levando ^{os} escravos em seus navios para as ilhas do Atlântico e para o Brasil, oferecendo em câmbio aos africanos tecidos, bebidas alcoólicas e algumas manufaturas simples. Nas colônias de produção ~~no~~ monocultoras ou de grandes plantations, ^{os} ~~de~~ ^{os} comerciantes da metrópole vendem os escravos e transportam para Portugal os produtos agrícolas e de extração.

Quanto às relações dentro das próprias colônias, a África mantém, mais ou menos as suas estruturas ^{sócio} políticas, ^{no início da exploração portuguesa} mas o aumento violento da demanda por escravos pelo mercado transatlântico leva à destruturação social, política e econômica, de modo que importantes reinos e conformações de clãs e patriarcais se vêem

destruídos ou banidos cada vez mais para o interior. A exploração do marfim e do ouro também descontroladamente acrescida leva a verdadeiras hecatombes ambientais com a matança de elefantes e o desmatamento de culturas ^{vegetais} nativas. Os colonos portugueses, no entanto, raramente se aventuraram para o interior do continente, permanecendo em escasas fazendas pela costa, junto as feitorias. Nas ilhas, a população nativa ~~foi~~ praticamente dizimada para dar lugar as plantações de monoculturas levadas a cabo por colonos.

No Brasil, depois do fracasso das companhias hereditárias, que, malgrado terem sido concebidas para implementar a colonização do território devido à vulnerabilidade as invasões que a colônia apresentava, foi instituído o regime das governanças gerais. No início dos contatos entre os povos originários do continente americano e europeus, as ~~tratativas~~ ^{tratativas} de alianças permitiram um certo controle português da costa brasileira; mas franceses e neerlandeses também usaram de tal artifício para tentar estabelecer-se, o que ^{o domínio} ameaçava os portugueses. Para os nativos, os acordos - que representavam o comércio de produtos locais, como o pau-brasil em troca de alguns armamentos e produtos manufaturados - tinham o fim de melhor provê-los para o combate com grupos adversários.

Com a instituição dos governos gerais, a colonização europeia ganhou força e a produção açucareira no nordeste teve grande expansão. A introdução de escravos africanos já nas primeiras décadas do século XVII, por conta da dificuldade que tiveram de tornar cativos os nativos americanos, transformou a colônia transatlântica num grande negó-

cio. A colonização portuguesa vê ~~se desenvolver~~ crescer cidades como as de Salvador e do Rio de Janeiro, em função de seus portos ao longo do século XVII e XVIII. A relação de colonos portugueses e escravos africanos se dá de forma violenta, sobretudo no início. Escravos são usados principalmente nas grandes fazendas, mas também nas cidades, ainda que em ~~pequena~~ ^{menor} escala. Revoltas e zangas acontecem de modo a criar a figura dos capitães-do-mato. Quilombos são formados como refúgios dos fugitivos, sendo o mais ~~importante~~ ^{conhecido} o dos Palmares (sec. XVIII). A relação nas cidades permite a formação de pequenos artesãos e profissionais liberais, que adquirem escravos, que, em alguns casos, servem como escravos de ganho.

As missões jesuítas, por sua vez, tomam para si o papel de cristianizar e educar os ~~colonos~~ povos indígenas mais "doces" e consegue, até certo ponto, protegê-los da sanha bandeirante no Sul e Sudeste e Centro-Oeste, ~~mas~~ somente até sua expulsão por ordens paulistas. Os que não aceitam a "domesticação" messiânica, ^{para o interesse} fogem ou lutam contra a dominação, sendo muitos dizimados.

Com o tempo, a miscigenação no Brasil ~~se torna~~ ^{desempenha} um papel importante na complexificação das relações entre africanos e colonos. A "criação do mulato", como dizem alguns autores, permite a flexibilização ~~das~~ das relações sociais raciais, de modo a ~~se~~ facilitar a ascensão social de mestiços e libertos. A algarria, seja ela conquistada pela compra ou pela concessão do senhorio - leva às camadas liberais ~~e~~ ex-escravos, ^{mestiços e} mestiços, ~~e~~ e inclusive à aquisição de escravos por estes.

Os grandes produtores permanecem, nesta época, ~~na~~ sobre

tudo até a ascensão das cidades produtoras de ouro e minérios em Minas Gerais, como os grandes articuladores políticos e econômicos da colônia, ~~atendendo às suas~~ ~~atras~~. Ou seja, ainda que as cidades apresentassem dinamismo, sobretudo por conta do comércio e da ação da circulação ~~da~~ financeira e cultural, era nas fazendas dos grandes produtores que se estabelecia o poder político e econômico.

- QUESTÃO 1 -

A questão da Reforma Agrária é tema pelo menos desde as organizações camponesas da época de Vargas. A decadência das grandes fazendas de café do Paraíba e de São Paulo, ainda que mantendo-se importantes para a economia nacional, e os problemas crescentemente agravados do êxodo rural nordestino pressionam os governos e levam a organizações em ligas rurais que reúnem trabalhadores ~~rurais~~ agrícolas do Sul e do Sudeste. O movimento de agricultores gaúchos pressiona para a reforma no campo e reivindica terras. Esse movimento consegue adesão de paulistas, paranaenses, catarinenses e, ~~posteriormente~~ posteriormente, conseguem algumas áreas de assentamento no Centro-Oeste. A demanda por terra dos pequenos agricultores, contra os latifundiários, de terras improdutivas e fazendas abandonadas cresce de maneira a se tornar bandeira também de movimentos urbanos e partidos políticos.

Os camponeses se organizam em frentes e começam a invadir propriedades, a que são reprimidos violentamente. No início do regime militar, ~~as~~ a repressão

se acentua e as ligas camponesas juntam-se as pastorais da terra. A teologia da libertação é o impulso ideológico de muitas pastorais. Já na década de 1980, o Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST) organiza-se de forma crescente e comanda diversas invasões.

Apesar das pressões, a tão propagada Reforma Agrária e a situação das famílias sem terra continuaram inconclusas. O êxodo rural também não cessou e os grandes latifúndios eram ainda uma grave realidade na década de 1980. Mas a organização do movimento permitiu o reforço da identidade e ~~o~~ logrou também avanços no que tange ao assentamento de algumas famílias e à força política do movimento.